iestes ao meu encontro após a matança, enquanto os meus últimos suspiros se agitavam nos pulmões enfraquecidos. A cantoria embriagada dos salteadores flutuava na brisa até mim, enquanto eu jazia na lama manchada de sangue, demasiado agoniada para gritar por ajuda. Estava rouca do fumo e dos gritos, e o meu corpo era uma massa tenra de contusões e ossos esmagados. Nunca sentira uma dor como aquela, e tão-pouco voltaria a sentir.

A guerra nunca é valorosa, apenas brutal e hedionda. Os que sobrevivem após os restantes terem sido abatidos não duram muito tempo expostos às intempéries.

Em tempos, fui filha de alguém; uma rapariga da aldeia com braços suficientemente fortes para ajudar o pai na ferraria e uma mente suficientemente célere para recordar a lista de compras da mãe do mercado. Os meus dias mediam-se pela luz do céu e pelas tarefas que me eram propostas, com a missa oral todas as semanas na nossa pequena igreja de madeira. Era uma existência modesta, mas feliz, preenchida pelas histórias de fantasmas da minha avó ao pé da lareira e pela esperança de um dia vir a ter a minha própria casa.

Pergunto-me se me teríeis desejado se me tivésseis encontrado assim: vibrante, amada e viva.

Mas encontrastes-me sozinha, meu lorde. Maltratada, reduzida a uma sombra do meu antigo eu e à beira da morte. Foi

como se o destino me tivesse preparado para vós, um banquete irresistível.

De promessa, diríeis, de potencial.

Eu digo que era vulnerabilidade.

Ouvi-vos antes de vos ver, o tilintar da correspondência e o ranger dos detritos sob os pés. A minha avó sempre disse que criaturas como vós eram silenciosas quando desciam aos campos de batalha para cear os mortos. Devíeis ser um terror noturno feito de fumo, não um homem de carne e osso que deixava pegadas na terra.

Estremeci quando vos ajoelhastes ao meu lado, e o meu corpo usou a pouca força que lhe restava para se afastar. O vosso rosto estava encoberto pela escuridão da noite, mas, ainda assim, arreganhei os dentes. Não sabia quem éreis. Apenas sabia que arrancaria os olhos ao próximo homem que me tocasse, se os meus dedos não se fechassem e me traíssem. Fora espancada e abandonada para morrer e, no entanto, não fora a morte que viera reclamar-me.

— Tanto ódio, tanta fúria — dissestes, a vossa voz como um gotejar de água gelada na minha espinha. Prendeu-me ao lugar, como um coelho fascinado pela lanterna do caçador. — Ótimo. Quando a vida te falhar, o ódio não o fará.

Tomastes o meu braço entre os vossos dedos, frios como mármore, e aproximaste-lo da vossa boca. Gentilmente, pressionastes um beijo na pulsação que depressa se aquietou no meu pulso.

Só então é que vi o vosso rosto, enquanto vos debruçáveis sobre mim e medíeis o tempo que me restava. Olhos escuros e penetrantes, um nariz ao estilo românico e uma boca severa. Não havia sombra de subnutrição ou doença no vosso rosto, nenhuma cicatriz de infância que se tivesse embranquecido com a idade. Apenas perfeição pura e intransponível, tão bela que doía só de olhar.

— Deus — exclamei, tossindo bolhas de sangue. Os meus olhos encheram-se de lágrimas, em parte de horror e em parte de reverência. Mal sabia com quem estava a falar. — Deus, ajudai-me.

Gotículas de chuva cinzenta caíam do céu vazio, salpicando-me as faces. Mal as conseguia sentir. Fechei os dedos num punho, desejando que o meu coração não parasse de bater.

— Tão determinada a viver — soprastes, como se testemunhásseis um ato sagrado, como se eu fosse um milagre. — Devia chamar-te Constanta. A minha inabalável Constanta.

Estremeci quando a chuva se começou a acumular à nossa volta, atravessando-me o cabelo e inundando-me a boca ofegante. Sei que tinha um nome antes desse momento. Um nome robusto, quente e saudável como um pão escuro acabado de sair do forno. Mas a rapariga que eu tinha sido desapareceu no instante em que me declarastes vossa.

— Não durarás muito, por mais resistente que sejas — dissestes, aproximando-vos. A vossa presença sobre mim bloqueou o céu, até que tudo o que consegui ver foi a insígnia de metal desgastada que vos prendia o manto à garganta. Nunca tinha visto vestes tão finas como as vossas, ou com um aspeto tão antigo. — Eles quebraram-te. Gravemente.

Tentei voltar a falar, mas a dor que me atravessava o peito não o permitia. Uma costela partida, talvez, ou várias. Era cada vez mais difícil puxar o ar para dentro do meu corpo. Cada inspiração era acompanhada por um som agonizante e doentio.

Líquido nos pulmões, provavelmente. Sangue.

— Deus — murmurei, conseguindo pronunciar umas poucas palavras. — Salvai-me. Por favor.

Fechei os olhos e as lágrimas caíram. Inclinastes-vos para me beijar as pálpebras, uma de cada vez.

— Não te posso salvar, Constanta — murmurastes. — Mas posso ajudar.

— *Por favor*.

Que mais poderia eu ter dito? Não sabia o que estava a pedir, exceto implorar para não ser abandonada na lama e afogar-me no meu próprio sangue. Se vos tivesse recusado, ter-me-íeis deixado lá? Ou já estava marcada e a minha cooperação era uma mera formalidade?

Afastastes o meu cabelo ensopado e expusestes a carne branca do meu pescoço.

— Isto vai doer — murmurastes, os lábios traçando as palavras na minha garganta.

Agarrei-me às cegas, o coração a martelar no peito enquanto o mundo se esbatia nas bordas. Os meus dedos curvaram-se à volta da primeira coisa que encontraram: o vosso antebraço. Um olhar de espanto cruzou o vosso rosto e eu agarrei-me com mais força, trazendo-vos para mais perto. Não sabia o que me estáveis a oferecer; apenas sabia que estava aterrorizada com a possibilidade de me deixardes.

Olhastes-me para o rosto, quase como se me vísseis pela primeira vez.

— Tão forte — dissestes, inclinando a cabeça para me contemplardes como um diamante perfeitamente lapidado. — Resiste, Constanta. Se sobreviveres a isto, nunca mais conhecerás o ferrão da morte.

Baixastes a vossa boca até à minha garganta. Senti duas alfinetadas, depois uma dor abrasadora que se estendeu pelo meu pescoço e ombro. Contorci-me nas vossas garras, mas as vossas mãos eram fortes como um torniquete nos meus ombros, prendendo-me ao chão.

Na altura, não tinha palavras para aquilo, para a forma como extraímos a nossa força das veias dos vivos. Mas sabia que estava a ser sujeita a um horror indescritível, a algo que não devia ser feito à implacável luz do dia. Um fragmento de uma das histórias da minha avó passou-me pela cabeça.

Eles não sentem compaixão, os moroi. Apenas fome.

Eu nunca acreditara nas suas histórias sobre os mortos que rastejavam para fora da terra para se alimentarem do sangue dos vivos. Não até àquele momento.

O meu corpo já não tinha ar suficiente para gritar. O meu único protesto eram as lágrimas silenciosas que me escorriam pelas faces, o meu corpo um ricto de agonia rígida enquanto vós bebíeis a vossa dose de mim.

A dor, quente como a bigorna de um ferreiro, ardia-me nas veias até às pontas dos dedos das mãos e dos pés. Empurrastes-me para a beira da morte, mas recusastes deixar-me cair do precipício. Lentamente, lentamente sangrastes-me com a contenção que apenas os séculos sabiam ensinar.

Enregelada, manca e completamente exausta, estava convencida de que a minha vida acabara. Mas depois, quando os meus olhos se fecharam, senti o toque viscoso de pele molhada contra a minha boca. Os meus lábios abriram-se de forma instintiva e tossi ao saborear o sangue, acre e ardente. Na altura, não lhe sentia a doçura, a profundidade ou a subtileza. Tudo o que senti foi vermelho, errado e abrasador.

— Bebe — insististes, pressionando o vosso pulso ensanguentado contra a minha boca. — Se não beberes, morrerás.

Pressionei os lábios com força, embora o vosso sangue já tivesse passado por eles. Deveria ter morrido há muito tempo, mas, de alguma forma, continuava viva, com um vigor renovado a percorrer-me as veias.

— Não te posso obrigar — murmurastes, a meio caminho entre a súplica e a irritação. — A escolha é tua.

A contragosto, entreabri os lábios e tomei o vosso sangue como se fosse leite materno. Se fosse esta a minha infeliz salvação, que assim fosse.

Um fogo indescritível floresceu no meu peito, preenchendo-me de calor e luz. Era um tipo de fogo purificador, como se estivesse a ser queimada de dentro para fora. A ferida aberta no meu pescoço ardia como se eu tivesse sido mordida por algo

venenoso, mas a agonia dos meus músculos contundidos e dos meus ossos partidos abrandou e, depois, como que por milagre, desapareceu.

Depois começou a fome. Primeiro, discretamente, uma agitação no fundo da minha mente, o calor suave de uma boca em água.

De repente, apoderou-se de mim, e não havia como negá-la. Senti-me como se não bebesse água há semanas, como se nem sequer me lembrasse do sabor da comida. Necessitava do alimento pulsante e salgado que fluía do vosso pulso, mais e mais.

Apertei os dedos gélidos em torno do vosso braço e cravei os meus dentes na vossa pele, sugando-vos o sangue das veias. Na altura não tinha os meus dentes de caça, mas dei o meu melhor, mesmo quando afastastes o vosso pulso da minha boca lambuzada.

— Calma, Constanta. Deves lembrar-te de respirar. Se não começares devagar, acabarás por adoecer.

— Por favor — grunhi, mas mal sabia o que estava a pedir. A minha cabeça nadava, o meu coração acelerava, e eu passara de quase morta a visceralmente viva numa questão de minutos. Sentia-me um pouco enjoada, para ser honesta, mas também tremia de euforia. Devia estar morta, mas não estava. Tinham-me feito coisas terríveis, e também eu fizera uma coisa terrível, mas estava *viva*.

— Levanta-te, meu milagre sombrio — dissestes, levantando-vos e estendendo-me a mão. — Vem e enfrenta a noite.

Ergui-me sobre joelhos trémulos para uma nova vida, uma vida de delírio e poder arrebatador. O sangue, o vosso e o meu, secou em flocos castanhos nos meus dedos e boca.

Deslizastes as vossas mãos sobre as minhas faces, pegando-me no rosto e analisando-me. A intensidade da vossa atenção era estonteante. Na altura, teria dito que era a prova do vosso amor, ardente e avassalador. Mas aprendi a entender que tendes em vós mais do cientista obcecado do que do amante

possessivo, e que as vossas observações se prestam mais a um escrutínio da fraqueza, da imperfeição, de qualquer pormenor que requeira o vosso tratamento corretivo.

Inclinastes-me o rosto e pressionastes o polegar contra a minha língua, perscrutando o interior da minha boca. Senti um impulso de morder, mas reprimi-o.

— Tens de cortar os dentes, ou ficarão encravados — anunciastes. — E tens de comer, adequadamente.

— Não tenho fome — disse, embora fosse mentira. Não conseguia conceber que tivesse apetite por comida, por pão preto e guisado de carne e uma caneca de cerveja, depois de tudo o que me acontecera naquele dia. Sentia que nunca mais iria precisar de comida, apesar da fome que me corroía o estômago como um animal enjaulado.

— Irás aprender, pequena Constanta — dissestes com um sorriso carinhoso e paternalista. — Abrir-te-ei mundos inteiros.

Beijastes-me a testa e afastastes-me o cabelo sujo do rosto.

— Conceder-te-ei bondade em dose dupla — dissestes. — Tirar-te-ei da sujidade e farei de ti rainha. E dar-te-ei a tua vingança.

— Vingança? — sussurrei, a palavra áspera e eletrizante na minha língua. Parecia bíblica, apocalíptica, além do alcance da experiência humana. Mas eu já não era humana, e vós há muito que também não o éreis.

— Ouve — dissestes.

Fiquei em silêncio, os ouvidos a aguçarem-se com uma nova acuidade. Ouvi o tilintar de armaduras e a conversa baixa de homens, a uma distância tal que nunca teria sido capaz de os ouvir antes, mas não a ponto de não nos podermos aproximar deles em poucos minutos.

A raiva líquida acumulou-se no meu estômago e acendeu-me o rosto. Tornou-me forte, aquela raiva, solidificada em ferro nos meus membros. De repente, queria destruir todos os homens que tinham espancado o meu pai até ele deixar de se

mexer, que tinham apontado tochas à nossa casa enquanto o meu irmão gritava para que poupassem as crianças lá dentro. Queria quebrá-los, ainda mais lenta e dolorosamente do que eles me tinham quebrado a mim, deixá-los a sangrar e a implorar por misericórdia.

Nunca tivera propensão para a violência. Mas, por outro lado, também nunca testemunhara atos tão vis que exigissem retaliação. Nunca experienciara o tipo de agonia que deixa a mente enrodilhada e pronta para atacar à primeira oportunidade. Carregaria essa serpente dentro de mim durante anos, deixando-a sair de vez em quando para dilacerar os pérfidos. Mas, naquele dia, ainda não tinha travado amizade com a serpente dentro de mim. Parecia-me uma estranha intrusa, uma coisa assustadora, que exigia ser alimentada.

Aproximastes a boca do meu ouvido enquanto eu olhava para longe, para onde os salteadores desfrutavam da sua refeição. Mesmo agora, não faço ideia de como aguentaram jantar a dois metros de distância das vísceras estripadas de mulheres e crianças. A guerra é a pedra de amolar que mói todos os sentidos, toda a humanidade.

— Eles não te ouvirão chegar — murmurastes. — Vou manter alguma distância para garantir a tua segurança, e para me certificar de que nenhum deles foge.

Fiquei com água na boca, as minhas gengivas doridas gritavam. O meu estômago deu voltas dolorosas, como se não comesse havia uma quinzena.

Lentamente, as mãos que me tremiam ao lado do corpo fecharam-se em punhos firmes.

Senti-vos sorrir contra a minha pele, a vossa voz assumindo o prazer grosseiro da caça.

— Rega as flores da tua mãe com o seu sangue.

Assenti com a cabeça, a minha respiração superficial e quente.

— Sim, meu senhor.

Meu senhor. Meu soberano. Amado. Rei. Meu querido. Meu defensor.

Eram tantos os nomes por que vos chamava naqueles dias. A minha taça de devoção transbordava de títulos dignos da vossa posição. Também usava o vosso nome, aquele que a vossa mãe vos havia dado, mas apenas nos nossos momentos mais íntimos, quando vos consolava nas vossas raras manifestações de fraqueza ou vos fazia um voto como mulher, como esposa.

Mas já não sou vossa mulher, meu senhor, e acho que nunca me haveis visto verdadeiramente como uma mulher completa. Fui sempre uma estudante. Um projeto. Um acessório no sentido jurídico e decorativo.

Não me permitistes manter o meu nome, por isso despojar-vos-ei do vosso. Neste mundo, sois o que eu digo que sois, e eu digo que sois um fantasma, um sonho febril de uma longa noite do qual finalmente acordei. Digo que sois a memória de uma chama, o gelo derretido que sofre sob um sol de início de primavera, um registo a giz de dívidas a ser apagado.

Digo que não tendes nome.

A sede de sangue suscita um delírio difícil de descrever. Desde o primeiro toque na língua até ao último abanão moribundo da tua presa sob as tuas mãos, toda a experiência aumenta e aumenta até atingir um nível febril. Quem tem pouca imaginação compara-o ao clímax carnal, mas para mim assemelha-se mais ao êxtase religioso. Nunca me senti tão verdadeiramente viva na minha morte desperta como quando estou a tirar a vida a outra pessoa.

Não comecei devagar, com o suave sorver do sangue de um amante na cama. Lancei-me sobre os meus agressores como uma fúria mítica.

E não me limitei a matá-los. Rasguei-os em pedaços.

Eram cinco ou seis homens. Não tinha conseguido contar quando atacaram, e não me dei ao trabalho de os contar quando aterrei sobre eles. Pareciam uma massa contorcida e pulsante, uma horda de insetos que seria melhor erradicar com uma furiosa pisada da minha bota. Antes de me terdes encontrado, não teria sido capaz de lutar contra um deles, muito menos contra meia dúzia. Mas o vosso sangue tornou-me forte, mais forte do que qualquer humano merecia ser. Evaporastes o meu medo e impelistes-me para as suas fileiras, a minha boca torcida num rosnado.

Um deles olhou por cima do ombro e viu-me chegar, o seu rosto meio iluminado pelo fogo da cozinha.

Abriu a boca para gritar. Enrolei os dedos em volta dos seus dentes de cima e de baixo e separei-lhe o maxilar antes que ele conseguisse emitir qualquer som.

Os outros sucumbiram tão facilmente. Arranquei olhos, parti pescoços, fraturei costelas, rasguei a carne tenra de braços com os meus dentes emergentes. As minhas gengivas abriram-se, misturando o meu sangue com o sangue dos meus agressores, enquanto me alimentava deles uma e outra vez. Apenas um deles tentou fugir, cambaleando para a escuridão e caindo nos vossos braços. Partistes-lhe a perna com um pontapé ágil e eficiente, e depois mandaste-lo a coxear na minha direção, como um pai que dá a volta a um soldado de corda que se aproxima demasiado da porta da sala de jogos.

Quando acabou, levantei-me, instável no meio dos corpos, ofegante. Estava satisfeita com o que tinha feito, sem arrependimentos traiçoeiros, mas não me sentia propriamente… saciada. A fome ainda lá estava, silenciosa, mas presente, não obstante o meu estômago cheio de sangue, e não me sentia tão limpa e vingada como esperara. O horror de ter sido espancada enquanto a minha família ardia até à morte persistia, inscrito na minha memória, embora o meu corpo já não ostentasse as marcas. O desejo de vingança que aqueles homens haviam semeado em mim ainda lá estava, enroscado num sono agitado.

Ofeguei, um pranto a borbulhar dentro de mim. Não sabia porque estava a chorar, mas as lágrimas caíram como uma tempestade iminente.

— Vem — dissestes, envolvendo-me no vosso manto.

— Onde vamos? — perguntei, já a cambalear atrás de vós. Os corpos que jaziam num monte ressecado em torno da fogueira que ainda ardia eram horrendos, mas não tão horrendos como o que fora feito a toda a minha aldeia, à minha família.

Disparastes-me um sorriso ténue que me fez inchar o coração.

— Para casa.

Metade da vossa casa estava em ruínas, coberta pelo arrastar lento da hera e do tempo. Situava-se no alto da aldeia, nas montanhas rochosas onde poucos se aventuravam. Degradada e esbatida, parecia quase abandonada. Mas tudo o que vi foi esplendor. Os parapeitos elegantes, as portas de carvalho e as janelas de vidro preto. A forma como as extremidades das torres pareciam perfurar o céu cinzento, invocando trovões e chuva.

Comecei a tremer, olhando para aquela bela casa que se erguia sobre mim como se me quisesse devorar. Nessa altura, a embriaguez do sangue e da vingança já esmorecera. O medo agitou-se no meu estômago.

— Tudo o que contém é teu para comandares — dissestes, inclinando-vos. Éreis tão alto, e tivestes de vos curvar para mim como uma árvore ao vento para me sussurrar ao ouvido.

Naquele momento, a minha vida deixou de ser minha. Senti-a a escapar-se-me como a meninice deve escapar às mulheres a quem são concedidos casamentos na igreja e taças de vinho de comunhão, e não beijos violentos e campos de batalha sangrentos.

— Eu…

A minha voz fraquejou e os meus joelhos também. Decerto sentistes a minha fragilidade. Sempre sentistes.

Tomastes-me nos vossos braços como se eu não pesasse mais do que uma criança e carregastes-me através da soleira

da porta. Agarrastes-me com tanta delicadeza, tendo o cuidado de não me agarrardes com demasiada força nem deixardes marcas. Surpreendeu-me mais a vossa ternura do que a vossa chegada milagrosa no momento da minha morte. Em retrospetiva, devia ter prestado mais atenção à conveniência da vossa chegada. Não existem anjos neste mundo a acompanhar os moribundos nos seus últimos momentos, apenas carteiristas e aves necrófagas.

Quero acreditar que não estáveis apenas a desempenhar o vosso papel. Quero acreditar que a vossa bondade não foi apenas mais uma das notas da ária bem ensaiada da vossa sedução, repetida vezes sem conta para inúmeras noivas. Mas amei-vos durante demasiado tempo para vos imaginar capaz de fazer algo sem um motivo oculto.

O vestíbulo abriu-se à minha frente como uma boca esfomeada. Sombras frias caíram à nossa volta quando cruzámos o limiar da porta, e a finura maculada da casa deixou-me sem fôlego. Cada pormenor, desde os castiçais de ferro na parede às carpetes de tons vivos, deixou-me boquiaberta. Antes disso, vivera uma existência muito simples, feliz, mas sem adornos. O único ouro que alguma vez vira fora o cálice reluzente que o padre tirava do seu alforge, duas vezes por ano, quando se deslocava de uma cidade vizinha para administrar a comunhão. Contudo, agora, reluzia para mim de cantos e prateleiras, atribuindo a toda a sala um ar de sacralidade.

— É linda — disse, soltando ar pela boca e inclinando o rosto para seguir a linha das vigas até desaparecerem na escuridão abobadada.

— É tua — respondestes. Sem hesitar. Terá sido este o momento em que nos unimos em casamento, quando me oferecestes uma parte do vosso reino em ruínas? Ou terá sido quando o vosso sangue se derramou pela primeira vez na minha boca?

Beijastes-me com frieza e castidade e depois pousastes-me no chão. Os nossos passos reverberaram pela casa enquanto

me leváveis em direção à escadaria de pedra. Certificastes-vos de retirar uma tocha acesa da parede antes de me conduzirdes para as sombras. A minha visão no escuro já era melhor do que nunca, mas eu ainda não era tão forte como vós. Precisava do auxílio de alguma luz.

Os quartos passavam num borrão de pedra cinzenta e tapeçarias. Com o tempo, viria a conhecê-los a todos, mas naquela noite mal conseguia distingui-los. A casa parecia não ter fundo, interminável. Nunca pisara um edifício tão grande, e nós parecíamos ser as únicas criaturas vivas no seu interior.

Bem. Se é que se pode chamar vida a coisas como nós.

— Estais aqui sozinho? — perguntei baixinho. Os meus pés imundos deixavam um rasto de sangue e lama na alcatifa, e perguntei-me quem o limparia. — Onde estão os criados?

— Fugiram ou morreram — dissestes, sem mais explicações. — Devíamos limpar-te, não achas?

Conduzistes-me a um pequeno quarto e, de forma metódica, começastes a acender as velas. No centro da divisão, havia uma banheira de latão comprida e de pouca profundidade, com baldes para transportar água ao lado. Pequenos frascos de óleos e perfumes estavam espalhados pelo tapete, do tipo que se encontraria no quarto de uma rainha.

— Isto é para mim? — indaguei baixinho. A minha voz estava trémula. Tinha os pés doridos da longa caminhada, e todos os músculos do meu corpo cantavam a dor de uma morte lenta ante uma nova vida. Com a minha sede de sangue consumida, sentia-me instável nas minhas pernas. A noite inteira começou a parecer um sonho turvo e extasiado.

— Claro — murmurastes. — Mereces cada centímetro. Vou buscar-te água.

Sentei-me, atónita, enquanto enchíeis a banheira com baldes de água a ferver, alternando entre o fervente e o frio até o banho atingir a temperatura perfeita. Depois pusestes-me de pé e começastes a desatar os cordões do meu vestido.

Sacudi-me com um som estrangulado. Até então, estivera disposta e flexível como uma boneca nas vossas mãos, aceitando cada toque, cada beijo. Mas o medo cresceu-me na garganta.

— Não! — gritei. — Não quero… Nunca ninguém me viu… assim.

As vossas sobrancelhas franziram-se de preocupação, ou talvez de irritação desnorteada, mas, de qualquer modo, levantastes gentilmente as mãos da minha roupa.

— Nunca levantarei um dedo contra ti, Constanta — dissestes calmamente. — Nunca em raiva ou em luxúria.

Assenti com a cabeça, engolindo com dificuldade.

— Obrigada. E obrigada por me terdes entregado aqueles monstros.

— Entregar-te-ia uma dúzia de homens por dia para alimentar o teu apetite, se me pedisses. Reuniria todos os homens, mulheres ou crianças que alguma vez te tivessem proferido uma palavra dura e levá-los-ia a trote até ti, de mãos e joelhos no chão, com uma trela curta.

— Obrigada — disse, silenciosa como uma oração.

— Queres que te deixe?

— Não — implorei, agarrando-vos o braço. — Ficai, por favor. Apenas… preciso de um momento.

Acenastes com a cabeça e fizestes uma pequena vénia pela cintura, depois virastes educadamente as costas enquanto eu desapertava o vestido e me despia. As minhas vestes carregavam o peso da miséria e do sangue seco, e pontapeei-as para um canto enquanto caíam do meu corpo, pedaço a pedaço. Não queria voltar a vê-las.

Depois, pus um pé trémulo e descalço na banheira, afundando-me no seu abraço morno e delicioso. Em poucos instantes, a água límpida tornou-se cor-de-rosa e depois vermelha, obscurecendo a minha nudez subjacente. A água fez arder as minhas feridas abertas, mas estas já estavam a sarar mais depressa do que deviam.

— Já podeis olhar — disse eu.

Ajoelhastes-vos ao meu lado no chão, levando um dos meus pulsos aos vossos lábios.

— Continuas linda — dissestes.

Banhastes-me como se eu fosse vossa filha, enxaguando o sangue do meu cabelo. Embebi-me na tintura, perfumada pela agonia dos meus agressores, e deixei-vos pentear cada grunhido.

— Inclina a cabeça para trás.

Fiz o que me mandastes, deixando a água correr pelo meu cabelo. Naquela época, fazia sempre o que mandáveis.

Nunca tinha visto uma banheira mais fina do que uma tina de madeira bruta. O latão reluzente estava fresco contra a minha pele quando fechei os olhos e me deixei levar pelo toque suave das vossas mãos e pela dor que me abandonava o corpo. Senti-me como se estivesse a flutuar acima de mim mesma, vendo-vos passar as vossas unhas compridas pelo meu cabelo. Era tentador deixar-me perder por completo.

— Volta para mim, Constanta — dissestes, virando o meu queixo para vós. — Fica aqui.

Beijastes a minha boca com uma insistência que já me era familiar, até que me derreti sob o vosso toque e entreabri os lábios. A água escorria do meu corpo em riachos enquanto eu vos envolvia nos meus braços, de repente encorajada. Percorrestes a minha pele molhada com as vossas mãos e emitistes um som como o de um homem em agonia. Soube então que iria perseguir os vossos pequenos momentos de fraqueza de uma ponta à outra até ao Inferno. O que é mais belo, afinal, do que um monstro desfeito pelo desejo?

— Vamos secar-te antes que te constipes — murmurastes, ainda a perseguir o meu beijo. Os vossos lábios traçaram a curva do meu queixo, a curva da minha garganta.

Sentei-me desajeitadamente na banheira enquanto pegáveis num pesado casaco e o erguíeis para mim, desviando o rosto para trás do tecido. Fiquei de pé e deixei-vos envolver-me, espremer

a água do meu cabelo centímetro a centímetro. Deixámos o vestido ensanguentado num monte no chão. Nunca mais o veria, depois daquela noite. Perguntei-me muitas vezes se o teríeis queimado, juntamente com os últimos vestígios do nome que os meus pais me haviam dado. De qualquer modo, envolvestes-me nos vossos braços, apertando-me contra o vosso corpo como se eu pudesse desaparecer se não me apertásseis o suficiente.

— Levai-me ao vosso quarto — pedi, agarrando-me às vossas vestes. Era um pedido impróprio, mas já tínheis dissolvido tantos tabus da minha vida anterior de uma só vez. Que indiscrições restariam, depois dos pecados que havíamos cometido juntos?

— Preparei-te os teus próprios quartos — dissestes com suavidade. Sempre galante, sempre no palco do vosso próprio desígnio, proferindo as palavras certas.

As lágrimas desceram-me pelas faces ao pensar num instante de noite sem vós ao meu lado. O silêncio parecia-me uma doença rastejante, que me infetaria o cérebro com imagens dos horrores daquela noite. Não queria voltar a ver o rosto carbonizado do meu pai, nem recordar os gritos dos salteadores. Queria apenas paz.

— Não quero ficar sozinha. Por favor.

Assentistes com a cabeça, abrindo-me a porta.

— O que a minha esposa desejar ser-lhe-á concedido. Que não haja segredos entre nós, Constanta. Nada de divisões.

Não me consigo lembrar dos pormenores do vosso quarto dessa primeira noite, apenas dos contornos suaves da escuridão total, do damasco pesado e da madeira esculpida, que me convidavam a entrar mais fundo. Na altura, pensei que parecia um útero, acolhedor e macio. Agora, só me lembro dele como o túmulo onde dormimos durante a nossa morte em vida.

Oferecestes-me uma camisa de dormir de linho fino e macio e acolhestes-me na vossa cama. Encostei o corpo ao vosso, a

casa em silêncio total com exceção do som da minha respiração e do pulsar lento e constante do vosso coração. Demasiado lento, como se o vosso corpo estivesse apenas a divertir-se com um processo de que há muito deixara de precisar. Não conseguia aproximar-me o suficiente de vós para que o entorpecimento da minha pele desaparecesse. Precisava de ser tocada, abraçada de uma forma que me fizesse sentir real. Temia que me deixasse levar pelas terríveis memórias da minha família a ser queimada viva. Ou, ainda mais assustador, pelo puro e simples nada.

— Beijai-me — disse eu de repente, a minha voz a abrir um buraco no silêncio.

— Constanta — murmurastes com indulgência, virando o rosto para o meu. Os vossos lábios traçaram uma linha ligeira sobre as minhas maçãs do rosto, sobre o meu queixo. — Constanta, Constanta.

Quase me deixou em transe, ouvir-vos a chamar-me assim. A minha pele ardia com um calor fora do normal enquanto vos beijava, uma e outra vez, até que comecei a tremer. Não sei se de medo ou de desejo, ou porque o meu corpo ainda estava a desfazer-se em pedaços e a ser refeito. A mudança leva dias, semanas até, para ter efeito total. Amadurecemos ao longo de centenas de anos, a cada noite nos distanciando um bocadinho mais da nossa humanidade.

Eu era jovem, na altura. Ter-vos-ia deixado fazer qualquer coisa para que o ardor parasse.

— Fazei-o — sussurrei, os meus lábios formigantes roçando os vossos. — Quero que o façais.

— Ainda estás fraca — avisastes, a vossa mão já a deslizar pela minha coxa para pousar na minha anca. A vossa boca moveu-se para baixo, pressionando beijos contundentes na curva do meu pescoço. — Precisas de dormir.

— Preciso de vós — disse eu, as lágrimas a aflorarem-me aos olhos. Queria extrair um pouco de alegria deste mundo cruel e feio, encontrar doçura apesar de todo o sangue e dos gritos.

Queria isto, lembrei-me a mim própria. Era tudo o que me faria sentir forte e completa novamente. — Apagai a luz.

Fizestes o que vos pedi, mergulhando o quarto na escuridão total, e depois a vossa boca estava na minha com uma ferocidade que quase me assustou. Sentia uma violência pura e requintada por trás do vosso beijo, um desejo de rasgar e devorar que se assemelhava mais ao de um lobo do que ao de um homem. A vossa fome por mim era sempre mais evidente a coberto da escuridão, quando não precisáveis de compor o vosso rosto com uma aparência de civismo. Fui sempre o vosso ratinho, guardado numa gaiola dourada até chegar a hora do gato brincar. Nunca me magoastes, mas deleitastes-vos com os meus batimentos cardíacos acelerados, com os meus suspiros assustados.

Os vossos dedos encontraram a bainha da minha camisa de dormir e levantaram-na habilmente por cima da minha cabeça. Eu tremi, a minha pele pressionada contra a vossa enquanto movíeis a vossa boca sobre as minhas clavículas e seios com uma insistência crescente. Não éreis o meu primeiro, mas aquilo era algo inteiramente diferente de um encontro risonho e desastrado atrás de um celeiro com a minha paixão de infância. Aquilo parecia cósmico, como se um pedaço de mim estivesse a ser extirpado para se instalar em vós.

— Abre a boca — dissestes.

Mordiscastes o vosso dedo indicador com a ponta afiada do dente, e depois delineastes círculos à volta dos meus lábios para me obrigar a obedecer. O sangue salpicou-me os lábios num beijo viscoso até eu abrir a boca para vós. Deixei-vos deslizar os dedos para dentro e circulei-os com a língua, sugando-os até ficarem limpos.

— Sem dentes — ordenastes, e pressionastes o vosso calor na parte mais profunda de mim.

Lembrais-vos de como tremia, lutando corajosamente contra os meus novos instintos? Tinha água na boca e doíam-me as

gengivas, mas obedeci. Terá sido um teste? Como segurar um pedaço de carne à frente de um cão e ordenar-lhe que se sente, só para testar os limites da sua obediência?

Bebi-vos de gota agonizante em gota agonizante, enquanto deslizáveis para dentro de mim, obliterando qualquer memória de uma vida anterior a vós.